

Sete ou dez coisas da vida grafitosa de uma matemática ainda em estado virgem

Seven or ten things from the graffiti life of a mathematician still in a virgin state

Bianca Santos **Chisté**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Vivian Nantes Muniz **Franco**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
(UFMS)

RESUMO

Do encontro com a infância somos seduzidas e convidadas a produzir essa escrita acontecimento, que se desdobra em provocações e abalam os espaços que habitamos, da educação, da educação matemática, da filosofia, profanando esses lugares sagrados e visitando suas biografias ainda em estado virgem, infante. Para isso, vamos compondo com imagens e fabulações, com Deleuze (1997; 2011), Deleuze e Parnet (2004) Couto (2005), Agamben (2005), Schérer (2009), Barros (2013) e Clareto e Rotondo (2015) em episódios e blocos e cenas e... como quem se encontra com entusiasmo para brincar em um quintal. Assim, a partir do nosso encontro com a infância, com as crianças com as imagens (fotográficas e fílmicas) apostamos dizer que a matemática não é, mas está sempre em vias de um vir a ser. Talvez por isso, ela se manifeste ainda em estado virgem.

Palavras-chave: Infância. Criança. Imagens. Educação Matemática.

ABSTRACT

From the encounter with childhood we are seduced and invited to produce this written event, which unfolds in provocations and shakes the spaces we inhabit, education, mathematics education, philosophy, profaning these sacred places and visiting their biographies still in a virgin state, infant. For this, we will compose with images and fabulations, with Deleuze (1997; 2011), Deleuze and Parnet (2004) Couto (2005), Agamben (2005), Schérer (2009), Barros (2013) and Clareto and Rotondo (2015) in episodes and blocks and scenes and.... like someone who meets with enthusiasm to play in a backyard. Thus, from our encounter with childhood, with children, with images (photographic and filmic) we bet to say that mathematics is not, but is always in the process of becoming. Maybe that's why she manifests herself still in a virgin state.

Keywords: Childhood. Children. Images. Mathematics Education.

第一 e 하나

O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...

Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.
(BARROS, 2013, p. 279)

Este ensaio nasce do encontro de duas pesquisadoras que compartilham um encantamento por cobras de vidro, por infâncias, por matemáticas em suas multiplicidades e pela pesquisa que experimenta e se anseia infante. Esse espaço nos provoca a provocar, assim, com esse eco mesmo, os espaços que habitamos academicamente, principalmente o da Educação Matemática, sensíveis a opções que nos passaram nessa troca instigante de desassossegos.

Inauguramos esse encontro com as palavras do Manoel de Barros que se junta a nossa busca por uma escrita acontecimento, uma escrita que se desencontre, na tentativa de não nomear nada, mas que nos convida a produzir com poesias, imagens, crianças e fabulações que nos ajudem a provocar uma certa matemática enseada e quem sabe encontrar uma matemática ainda em estado virgem, um vidro mole sob o batismo de uma infância que a experimenta como já não somos capazes.

Acreditamos que a matemática se produz com a infância em um estado ainda casto. Elas contam, se atraem pelos números, seus desenhos, suas referências, mas não se apegam as suas demandas enquanto uma disciplina. Nós, adultos sim, logo temos que dizer que aquela bolinha é o zero, é matemática, que depois do seis vem o sete e que dois mais dois é sempre quatro.

Ao ignorar as demandas e dinâmicas rígidas dessa matemática institucionalizada, a infância provoca a Educação Matemática e despreziosamente faz nascer dela outra coisa, depurada das práticas colonizadoras, dominantes e adultas, sem batismo, estrangeira e efêmera a tal ponto que escapa das nossas capturas.

Pela convocação da infância e suas profanações, comparecemos neste texto na tentativa já falha de biografar e transver o mundo que elas ostentam. Entre os lampejos de imagens¹ e fabulações, numerados estrangeiramente, nos permitimos o deslizar e a desordem de um modo de produzir pensamento, na busca que o que seja dito tenha a abertura para inaugurar outros deslizos.

Introduzido o assunto, como de costume, nosso convite agora é para que sigam entre o rio que faz uma volta atrás da nossa casa, que às vezes nos faz esquecer a Educação Matemática e querer ir brincar com outra coisa e os riscos. Nos lançamos entre nossos registros

1 As imagens que compõem o artigo foram produzidas por crianças da educação infantil, durante a pesquisa Nossa senhora... é o céu!!!": olhares para a educação na infância a partir de produções imagéticas de crianças e professoras" (PIBIC/UNIR/2016/2017).

e delírios, que se encontraram (ou desencontram) em episódios e blocos e cenas e... como quem se encontra com entusiasmo para brincar em um quintal e no transe desse encantamento se desapega de nomes ou títulos, nos assintindo operar apenas com riscos, marcações que guiam a brincadeira, em que aproveitamos para usar brinquedos novos, uma outra língua ainda por aprender, provisoriamente indecifrável, em um momentâneo batismo dessa biografia atemporal e ordinária.

"Quem dá os nomes e os números ao inocente inumerável?" (NERUDA, 2019, p. 135)

第二 e 들

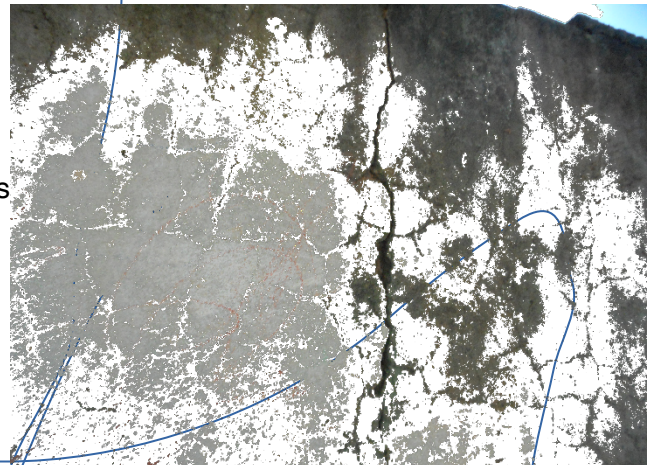


Em seu corpo faz morada os passarinhos.



Com seu olhar de abelha apalpa o mundo tornado-o visível.

Carregada de silêncios e ausências ela enche os vazios com suas peraltagens.



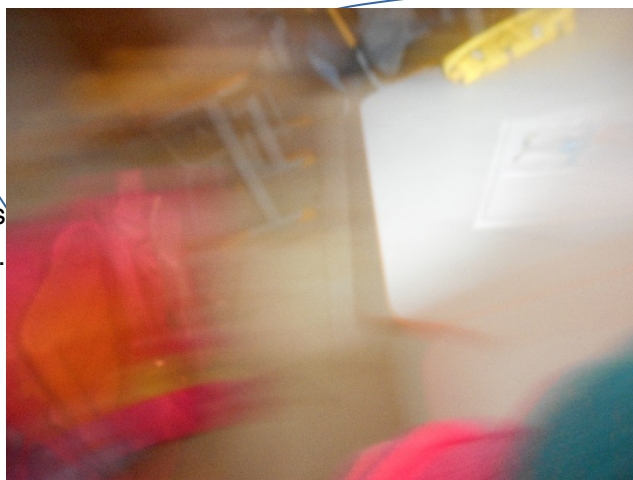


O seu quintal é maior do que o mundo.

Palavreia em uma língua que nem há nesta atual existência.



É habitada por um tempo em que as horas correm num lampejo e os dias não se alternam.



Ligada em despropósitos, ela carrega água na peneira.

Por entre os entulhos caça irresistivelmente atraída pelos restos





A impermanência é uma constante em sua vida nômade.

Geografa o mundo com a barriga escorrendo pelo chão.



第三 e 셋

[...] de fragmento em fragmento constrói-se uma experimentação viva em que a interpretação acaba por se dissolver, onde já não há percepção, nem saber, nem segredo, nem adivinhação. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 64)

[一] Era uma vez um lugar distante, mas muito perto também. Um lugar habitado por crianças, e adultos também. Um lugar cheio de terra, areia, folhas, grama e cimento também. Lá onde crianças e adultos transitam, estacionam, se movem em ritmos, pausas e ligeirezas, ora mais rápido, como a velocidade da luz, ora lentamente como uma lesmatartaruga, ora descansando como a lebre da fábula em que compete com sua amiga de casca dura. Nesse lugar, em um dia qualquer, como em outros dias, crianças conversam e tagarelam como periquitos. Ouça. Levanta. Olha aqui e acolá. Janela abre. Ouça de novo.

Captura. Nada. Nada. Nada. Nada. Nada. Nada. Nada. Nada. Nada. Nada. Esqueça. Não é hora! Praça. Cemitério. Caminha. Para cima vê. Corpo para. Delírios de sons. Revoada. Verdes asas ao vento voam. Tilintam. Tricotam. Sensações. Divaga. Vozes ao longe ressoam: Cortam tudo! Fazem estrago!

Acaso avoados em verdes pétalas trovejam. Ensaia gracejos nos olhos fechados.

Periquitos vibram baixo, fiado, liso. E E E E E. E E E E E. E. E E E E E.

E E. E E E E E E. E E E E?

Será preciso tornar-se periquito para produzir um canto, um chamado, um apelo periquinês? Sair do som, como traduzir em letras fonemas e grafemas o que parece que não dá para ser escrito?

Uma palavra está nascendo

Na boca de uma criança:

Mais atrasada do que um murmúrio.

Não tem história nem letras

Está entre o coaxo e o arrulo.

(BARROS, 2013. P. 278)

Contam de uma folha que ficou dura, uma folha da árvore que

c

a

i

Mas que com toques e carícias e carinhos se transforma de folha mole em folha dura. Uma folha que agora dura tem pontas e curvas firmes, uma folha não mais verde. Uma folha tocada e retocada pelo guri. Quem pode mexer, quem pode apalpar e “bolinar” a então folha mole? Quem tem permissão para isso? Esse lugar já tinha folhas, troncos, árvores, areias... Foi uma criança...mexeu na tampa do vento e mudou o estado das coisas.

【二】 E junto à lente da câmera uma outra lente surge... uma tampinha transparente. “Boa ideia!” alguém grita insistentemente. Agora não é só o *olhocâmera* que vê, compõe-se a isso *olhocâmeratampinha*. Não basta mais o olho “que tudo vê”, não basta mais a *câmeraolho* que tudo captura... *olhocâmeratampinha*... com isso ganha visibilidade uma flor que é trazida para ser olhada por essa tríade. Qual o lugar da “boa ideia!” no coletivo criança? Que afetos e mapas essa “boa ideia!” dispara? Em seguida outro grito de alguém: “Eu vi uma coisinha muito máxima!!!!”... Eis que algo surge diante da câmera por um milésimo de segundo. Seria um casulo envolvido por fios de teias de aranha? Um saco de ovos de uma aranha pirata? Um saco pendurado entre as pilastras de ferro, lá embaixo, quase rente ao chão... Uma *criançaolhocâmera* é atraída, magnetizada pelo que está suspenso, solto ao vento... Casulo ou aranha ou ovos ou sacos ou... não escapa às pequenas piratarías infantis. Parece que aqui, ali e acolá o agir é de puro agir.

【三】 A movimentação corre solta, um agora sem pressa de passar, sem pressa de chegar. Lampejos de sombras caminham, pulam, tartamugueiam. Sons inaudíveis alvoroçados ecoam por todos os lados. Uma voz ao longe entoa: quem vai descer em Cuiabá? Não tão longe cadeiras profanadas agora ônibus aguardam passageiros! Ônibus?! Outra voz entoa: Subam no trem! Cadeiras já profanadas tornam-se *cadeiraonibustrem* ou *cadeiratremonibus*?! Não dá para

saber. Misturou-se tudo. Talhou como leite em estado de ebulição. E a entoada continua: quem vai descer em Porto Velho? Quem vai descer em Cacoal? Quem vai descer em Cerejeiras? Senta lá, senta aqui! Eu também quero dirigir! Que horas o ônibus vai andar para São Paulo? Eu vou para Porto Velho. Então vai junto com ela porque ela vai para Porto Velho. Você vai dirigindo para levar o trem para Porto Velho. Para o ônibus! Piúi piúi piúi!!! Quero descer. Você vai descer onde? Eu não vou descer! Você vai para onde? Eu vou para lugar nenhum! As *cadeiraonibustrem* ou *cadeiratremonibus* se movimentam freneticamente conduzindo quem já foi e chegou de volta, quem tem lugar de chegada e quem não tem também, quem vai descer e quem não vai também.

[四] Os olhos encontram lugares visitados, mas não encontrados. Um encontro com o encontro da criança que encontra com o olho. Um encontro com o encontro da criança que encontra com a sombra. Um encontro com o encontro da criança que encontra com o dente de tubarão, que encontra na criança. Um encontro com o encontro da criança que encontra com os pés. Um encontro com o encontro da criança que encontra com a orelha. Um encontro com o encontro da criança que encontra com o chão. O que é possível produzir nesses encontros? Olha o chão, esse chão. São pingos azuis. Devem ser da chuva que não foram embora. Igual ao raio de sol bem vermelho? Não, o sol foi embora, um *eclipse-dedo-sol*. Sorriso, a foto foi tirada. Sorriso, o filme aconteceu. Os corpos ficam diferentes. Corpo sem cabeça anda pelas imagens. Espere. Andar pelas imagens. Toda imagem. Divagar, parando, correndo. Acontecimento filmado. Acontecimento inventado. Acontecimento criado. Desperta uma curiosidade por todos os poros. As crianças deixam com a gente, assim de graça, muitas coisas. Parece que não se apegam. Jogam na nossa cara a nossa cegueira. As nossas limitações. Com elas podemos andar para um lugar novo. Qual a sensação? Perdemos-nos nas **cores** perdemos-nos nos *mOVImentoS*. Qual o ritmo das crianças? Desenhe os ritmos! Elas brincam com o tempo. Caminham dentro do olho. Qual a velocidade do passo? Desenhe a velocidade.

第四 e 넷

Para a criança, o mundo* não se reduz a uma simples paisagem visual, mas afeta todos os sentidos: ela aspira, respira, escuta, sorve, degusta [...] A criança reveste o mundo*. O mundo* é um espetáculo, uma paisagem, mas uma paisagem que a criança habita e com o qual se mistura. Ela habita o mundo* que a invade de todos os lados. (SCHÉRER, 2009, p. 110-111)

Imagens e falas produzidas por crianças, fabulações da infância parecem uma convocação, um chamamento, um convite, um canto, e não uma petição diligente... um canto de sereia? Uma sedução, uma magia que faz as coisas fugirem do uso comum, fazendo-as deslizarem “numa linha de feitiçaria que não param de desequilibrá-los, de fazê-los bifurcar e variar em cada um de seus termos, segundo uma incessante modulação? [...] (DELEUZE, 1997, p. 124-125).

Há quem diga que o exercício da magia, da feitiçaria é uma profanação, uma violação ao sagrado instituído como tradicional, uma heresia, uma blasfêmia que ameaça o mundo pré-definido, preconcebido, racional e ordenado. As crianças são pequenas hereges, pois destituem o uso sagrado de qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos e faz dela um uso singular.

Com as crianças, a matemática bugiganga, e toda sua empáfia, deslizam. Junto à inércia da matemática, a infância produz movimentos e vidas,

Vidas que se dão nas salas de aula de matemática e também fora delas. Vidas que se constituem no atritar dos conhecimentos matemáticos – já conhecidos, instituídos e consagrados como tais – com o próprio pensar, que coloca um inédito e improvável no já conhecido: um desconhecido, um novo. (CLARETO; ROTONDO, 2015, p. 677)

Além disso, as crianças proliferam heresias quando tocam e são tocadas pelo objeto sagrado, pois, como diz Agamben (2007, p. 66) “Há um contágio profano, um tocar que desencanta e devolve ao uso aquilo que o sagrado havia separado e petrificado.” A criança ao profanar é atravessada por devires, e parece que há uma proliferação de devires pela criança, quando ela toca o mundo e, nesse caso, também a matemática. Pode uma cadeira tornar-se trem e/ou ônibus? Pode uma cadeira tornar-se *tremônibus*, *onibustrem*? Pode alguém entrar em um *tremônibus*, *onibustrem* em movimento e não descer e não ir para lugar nenhum?

Quando reduzimos a matemática aos números, operações e formas, talvez estamos indo a lugar nenhum, devotando a ela os limites de ser apenas uma cadeira, sem vida, sem movimento. No entanto, as provocações da infância, esse canto da sereia, nos fazem querer desejar um *tremônibus* da matemática, não pelo novo batismo, mas pela possibilidade de ir a outros lugares. Pode alguém que profana um conhecimento consolidado produzir outros mundos a partir dele? Pode alguém entrar em um *tremônibus*, *onibustrem* da matemática e não produzir conhecimento?

Parece que ao profanar as crianças produzem paradoxos: um jogo duplo, uma afirmação de dois sentidos ao mesmo tempo; um asfixiamento do limite, da codificação, do próprio marcador de poder. Uma aposta aqui na potência dos paradoxos produzidos pelas crianças, pois ele como diz Deleuze (2011, p. 03) “é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, e, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas.”

A profanação ou a proliferação de devires continua, pois há aqui uma identidade infinita. Escuta-se: *pare o ônibus, piuí, piuí, piuí!* Um ônibus que apita como trem. Instaure-se uma quebra no sagrado, uma quebra no tempo. Ao mesmo tempo um ônibus que apita como trem e um *tremônibus*, *onibustrem*, só pode ser pensando, mas é impensável. O que torna impossível uma identificação, pois não permite uma fixação no tempo:

[...] de qualquer maneira, têm por característica o fato de ir em dois sentidos ao mesmo tempo e tornar impossível uma identificação, colocando a ênfase ora num, ora no outro desses efeitos: [...] senso único, exprime a existência de uma ordem de acordo com a qual é preciso escolher uma direção e se fixar a ela. (2011, p. 78).

Um ônibus que apita como trem e um *tremônibus*, *onibustrem* não é hora uma coisa e em outro momento outra. É impossível escolher uma direção, um ponto de fixação, pois é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que a cadeira torna-se ônibus, e se faz trem. Talvez por isso, um ônibus sonoriza como um trem. Não há separação, nem distinção, mas avanço nos dois sentidos ao mesmo tempo. Uma cadeira torna-se ônibus, sem deixar de tornar-se trem.

Criançasperiquitos em periquinês ainda falam de uma folha que mole agora dura que tem pontas e curvas. Há uma intimidade, uma aliança estabelecida entre *criançasperiquitos* e folha. Uma olha, que agora não mais verde, ao ser tocada se transforma de folha mole em folha dura. E assim segue: enquanto as crianças apalpam, traçam mapas, mapeiam o mundo e tudo o que nele habita, nós adultos, decalcamos, grudamos, capturamos. Enquanto estamos cá, lá e acolá capturando e capturados, colados e decalcados, as crianças não param, como diz Deleuze

(1997, p.83) “de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente” e assim elas nos colocam em um estado de gagueira.

São nesses trajetos, nesses encontros com o mundo, pois são multiplicidades, que as crianças nos colocam diante da “*exibição dos acontecimentos na superfície*” (Deleuze, 2011, p.09), pois, enquanto estabelecemos uma relação de interpretação com o mundo, as crianças o experimentam. Experimentam ideias, relações, momentos, encontros e nessas experimentações criam conceitos sobre o mundo: por não estar mais verde, a folha agora, em outra cor, está em estado dura. É esse olhar de abelha que vai produzindo algo real, vai criando vida, e produzindo suas armas e com isso abala as normas, as definições unívocas, as máquinas binárias.

Se tomamos como fio condutor essa relação das crianças vemos desdobrar um mundo outro em uma composição, quase *bricoler*, de atrações, de rupturas, de suspensão temporal, de distrações, de invenções, de alegria. Uma composição de encontros de e com corpos. A alegria do encontro explode proliferando faíscas que impele um olhar para então visibilidade de um suposto invisível. *Eu vi uma coisinha muito máxima!!!! Seria uma nota musical? Um axioma? Essa máxima não poderia ser tomada como óbvia, nem consensual, pois a criança cameraolho captura um casulo envolvido por fios de teias de aranha? Um saco de ovos de uma aranha pirata? Um saco pendurado entre as pilastras de ferro, lá embaixo, quase rente ao chão? Uma máxima que dissolve o próprio modo identificação e dedução do mundo.*

Enquanto para nós parece que o mundo já é dado e definido, enquanto nos parece que a máquina binária reina absoluta na distribuição de papéis, nas questões e respostas pré-formadas e prováveis segundo modos de significações já estabelecidos, um encontro com a criança, com o devir-criança, que atravessa a criança faz estremecer toda o sentido unívoco constituído. Assim, parece que uma matemática atravessada pela infância é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização; nela tudo é político; não há sujeito, só há agenciamentos coletivos de enunciação. Ela não é, mas está sempre em vias de um vir a ser. Talvez por isso, ela se manifeste ainda em estado virgem. Ainda outras provocações: *Que matemáticas? Que vida pulsa junto às matemáticas e suas desdobras na educação?* (CLARETO; ROTONDO, p. 677, 2015)

Uma *cadeiratremonibus* e uma folha verde agora dura e *criança cameraolho* e periquitos e canto de sereia, escola e chão e corpo e sombra e... e... e... dizem da alegria dos encontros, do riso instituído, instaurado e proliferado. Contestam os modos de interpretação do mundo e se lançam à experimentação. E uma infância em um grito agudo e ecoante se manifesta a outros modos de produção e invenção de vida: *É uma boa ideia! Eu vi uma coisinha muito máxima!*

Termina assim? Parece que foi cortado.

Cortado? Quem?

Sim, parece que a criança* estava a falar.

Ah, mas isso ela estava só a falar... estava a falar a língua daqui.

E o que dizia?

É que eu não entendo bem o dialeto dessa gente. (COUTO, 2005, p. 85)

第五 e 다섯

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013.

CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth. Pesquisar: inventar mundos com Educações Matemáticas. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 8, n. 18, 2015.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Clarie. **Diálogos**. São Paulo: Relógio D'Água Editores, 2004.

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas** (bilíngue). Porto Alegre: L&PM, 2019.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Submetido em julho de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.

Bianca Santos Chisté

Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Rolim de Moura, Rondônia, Brasil. ID Lattes: 6310990302148226. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1962-0256>.

Contato: bianca@unir.br

Vivian Nantes Muniz Franco

Doutoranda em Educação Matemática (PPGEduMat/UFMS). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ID Lattes: 9455620453862339. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8144-0320>.

Contato: vivianmfranco@gmail.com